

A relação entre o Teatro Carlos Jehovah e a memória da cultura de resistência de Vitória da Conquista

Ana Luiza Souza e Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: anaa.lses@gmail.com

Felipe Eduardo Ferreira Marta
Universidade Estadual de Santa Cruz, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: fefmarta@uesc.br

1534

Palavras-chave: Teatro Carlos Jehovah. História oral. Espaços públicos de cultura

INTRODUÇÃO

A memória e a história de resistência travadas pela cultura brasileira, enquanto arena de lutas que reverberam de formas distintas em cada região do país e as cidades, o lugar desta disputa, tornam-se local de contestação social, cultural e política (Souza, 2023). Em Vitória da Conquista, o Teatro Carlos Jehovah pode ser entendido como um exemplo de como esse conflito se reflete no espaço físico e simbólico, atingindo o patrimônio público representando uma arquitetura do silenciamento.

Dessa forma, o presente resumo trata-se das primeiras aproximações de um projeto de pesquisa em andamento, que tem como centro de análise a relação entre o Teatro Municipal Carlos Jehovah e a memória da cultura de resistência a partir dos enunciados sobre os territórios urbanos e as disputas das multiplicidades estéticas em Vitória da Conquista – Bahia, propondo-se a conhecer a realidade dos espaços de arte na cidade, e como eles abrigam os artistas independentes, mais especificamente tratando-os enquanto espaço de resistência. Para alcançar tal objetivo, pretende-se identificar se há um protagonismo do Teatro Carlos Jehovah no desenvolvimento da cultura local para as diferentes gerações de artistas independentes e emergentes.

Atualmente apenas o Centro de Cultura Camillo de Jesus Lima e o Centro Cultural

Realização:



Apoio:



Glauber Rocha abrigam cotidianamente a produção artística da cidade e mesmo eles têm acesso dificultado pela burocratização. O acirramento dessa disputa pelas multiplicidades estéticas reflete-se no Teatro Municipal Carlos Jehovah, inaugurado em homenagem ao dramaturgo Carlos Jehovah, que dedicou sua vida à uma arte focada não apenas na representação, mas sim na transformação social.

Foi pautado nesse ideal e com o objetivo de aproximar a população da cultura, que o Teatro Carlos Jehovah foi tomado como espaço de acesso pelos artistas independentes e iniciantes que precisavam de um lugar para se apresentar, assim como, para os espectadores que não teriam a mesma possibilidade de adentrar outros locais. Logo entende-se que pesquisar tal memória é importante ao se posicionar contra a homogeneização da cultura enquanto objeto de consumo e destacar seu papel enquanto transformação social.

1535

METODOLOGIA

Dessa forma, no processo de coleta de dados da dissertação em andamento, optou-se por trabalhar com a história oral, que “direciona-se a capturar fragmentos de identidades e impede que se rendam ao esquecimento” (Mendes; Marta, 2022, p. 18), propondo a construção de uma história paralela àquela das fontes oficiais, a história oral apresenta um compromisso político de ouvir a voz das diversidades que usualmente são apagados. Essa metodologia constitui-se enquanto memória e oralidade, partindo de entrevistas, que serão gravadas e transcritas. Nesse sentido as entrevistas serão feitas com dois grupos de artistas independentes¹: artistas que tiveram contato com o teatro ainda aberto e puderam vivenciar esse espaço e artistas que nunca estiveram neste teatro, porém lidam cotidianamente com a sua memória e ausência.

Nesse primeiro momento de aproximação com a temática e construção do resumo foi realizada uma revisão de literatura, buscando compreender a relação entre memória, cultura e espaço e a materialização dessa discussão no Teatro Carlos Jehovah.

¹ Artistas que articulam recursos próprios para produzir arte.

Realização:



Apoio:



RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com Halbwachs (1990, p. 159), “todas as ações do grupo podem se traduzir em termos espaciais, e o lugar ocupado por ele é somente a reunião de todos os termos”. O espaço nunca é um pano de fundo neutro, as ações dos indivíduos ocorrem nele, e são modificadas por ele, na mesma medida que o modificam. Dessa forma, o grupo estabelece a relação de pertencimento com este espaço de identificação, vivência e criação.

É através da interação com esses marcos sociais que os grupos dão forma ao que se denomina de memória coletiva, consolidando assim sua identidade. Pensando em como se identifica a cidade enquanto grupo, o apelido Suiça Baiana, segundo Souza (2023), explicita a negação enquanto uma cidade nordestina e brasileira, e como consequência, rejeita a diversidade cultural de seu cotidiano, representada por coletivos, pessoas e espaços que a compõem, enquanto valoriza uma estética importada que remete à europeia.

Os coletivos POC, Apodio, Labor, Simbó, assim como os nomes Felipe Moreno, Balaio e Pamela Dantas, são alguns agentes culturais que atuam neste município. Porém, mesmo com tantos sujeitos dispostos a fazer arte, poucos são os ambientes que por eles podem ser ocupados, assim, “se quiser protagonizar qualquer coisa na cidade o artista deve ‘arregaçar as mangas’, montar o palco, a cobertura e tudo mais” (Souza, 2023, p. 230), o que tende a ser viável apenas para uma classe social.

Durante a pandemia da Covid-19, o isolamento social impactou diretamente a forma como os artistas produziam e veiculavam seu trabalho. Nesse momento o espaço do Teatro foi fechado, não tendo sido acessado desde então, mesmo após o retorno das atividades presenciais. Por essa razão, quando surgiram indicativos de que o Teatro seria demolido para dar lugar a um shopping popular, artistas locais realizaram manifestações a favor da renovação e reabertura do local, como noticiado pelo Conquista Repórter.

A Prefeitura de Vitória da Conquista já afirmou por meio de nota que não há pretensão real de demolir o espaço que abriga o Mercado Municipal de Arte e o Teatro Carlos Jehovah [...] Entretanto, a classe artística ainda cobra respostas sobre um grande impasse: sem reforma, o teatro não pode ser utilizado e, quanto a isso, a gestão municipal não se posicionou. (Lôbo, 2021, s.p.)

Realização:



Apoio:



Assim, apesar do espaço ainda existir fisicamente não há a possibilidade de adentrá-lo e, portanto, pode-se considerar que há então uma tentativa de apagamento de sua memória e do seu significado para a arte emergente e ou independente.

Uma das limitações encontradas neste processo inicial da pesquisa trata-se da falta de referencial teórico relacionado ao espaço do Teatro, assim como sobre o artista Carlos Jehovah e suas contribuições na consolidação da cultura que se expressa atualmente em Vitória da Conquista. Dessa forma, se faz preciso pensar a arte, em diálogo com as lutas urbanas do município, oportunizando uma resignificação das maneiras de viver, perceber a cidade e preservar a memória. Porém, a arte apresentada nesse projeto se baseia na poética do oprimido, base do trabalho de Carlos Jehovah, pois nela “cria-se o diálogo; mais do que se permite, busca-se a transitividade” (Boal, 2020, p. 53). Ou seja, uma arte que visa a transformação social e o acesso à cultura e aos meios para que os espectadores possam também refletir e criar.

Entende-se a partir das primeiras aproximações, a necessidade dos espaços de arte em Vitória da Conquista, que abrigam os artistas independentes, mais especificamente o Teatro Carlos Jehovah, espaço no qual o acesso era facilitado para produção, divulgação e apreciação da arte local.

Sobre isso, Boal (2020, p. 20) diz que “existe o sonho bom: aquele que imagina- cria imagens! - aquele sem o qual o futuro não virá e teremos para sempre esse presente de angústia, insegurança e medo”. Ao estudar a arte e seus espaços de expressão trabalhamos com sonhos, imaginação e criação, possibilitando novas imagens para o futuro.

Assim, espera-se encontrar enquanto resultado da pesquisa relações entre o Teatro Carlos Jehovah e a memória da cultura de resistência, esta que trata da estética do oprimido, na disputa dos artistas independentes por esse espaço possibilitando o ressoar das vozes que foram silenciadas por seu fechamento.

CONCLUSÕES

A pesquisa encontra-se em andamento, mas de antemão parte-se da hipótese de que o Teatro Carlos Jehovah apresenta-se como uma alternativa de espaço para artistas que estão fora da arte vista como oficial, sendo assim um local de resistência da memória de uma arte que visa

Realização:



Apoio:



contestar a sociedade, dialogar diretamente com os espectadores e propor uma transformação social.

Dessa forma, estabeleceu-se enquanto objetivo compreender a relação entre o Teatro Carlos Jehovah e a memória da cultura de resistência, a partir dos enunciados sobre os territórios urbanos e as disputas das multiplicidades estéticas na cidade. O que será alcançado através da análise de entrevistas partindo da história oral enquanto metodologia.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro Legislativo**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Rev. dos tribunais, São Paulo. 1990.

LÔBO, Victória. Artistas locais seguem mobilizados em defesa do Teatro Carlos Jehovah. **Conquista Repórter**. Vitória da Conquista. 25 out. 2021. Disponível em: <https://conquistareporter.com.br/artistas-seguem-mobilizados-em-defesa-do-teatro-carlo-s-jehovah/>. Acesso em: 19 de janeiro de 2024.

MENDES, Plácido O; MARTA, Felipe E.F. A História Oral como Instrumento de Pesquisa em Memória Coletiva na Cena Rock de Vitória da Conquista-BA in: FERREIRA, H. J. G. P. (org.) **A cultura em uma perspectiva multidisciplinar**. PR. Atena. 2022.

SOUZA, Brenda Luara S. A inquietude das coisas (pós-facio). Em: SILZANTOV, Nélio. **A finitude das coisas**. São Paulo: Patuá, 2023. 229-237.

Realização:



Apoio:

